

BRAVE NEW POST-CORONA WORLD | POR MATHIAS BRÖCKERS

Posted on 17. Dezember 2020

Um comentário de Mathias Bröckers.

"Haverá, na próxima geração ou assim, um método farmacológico de fazer as pessoas amar a sua servidão e estabelecer uma ditadura sem lágrimas, uma espécie de campo de concentração indolor para sociedades inteiras, de modo que as pessoas serão de facto privadas das suas liberdades, mas elas desfrutarão disso porque serão distraídas de qualquer desejo de rebelião por propaganda ou lavagem ao cérebro ou com a lavagem ao cérebro reforçada por métodos farmacológicos. E esta parece ser a última revolução".

Assim disse Aldous Huxley no início da década de 1960, numa crítica ao seu romance *Brave New World*, publicado em 1932. O seu cenário distópico foi estabelecido num futuro muito distante, no ano 2540, mas um cenário que o autor sentiu ter chegado assustadoramente perto 30 anos após a publicação do livro. E hoje, no primeiro ano de uma "pandemia" global, o ano 2540 parece estar quase ao nosso alcance.

Embora ainda não existam dispensários "Soma" para distribuir o tranquilizante que altera o humor às massas, este torna-se concebível quando se olha para a forma como se está a trabalhar actualmente noutra solução farmacológica - a vacinação. A euforia e as esperanças alimentadas entre as massas por estes medicamentos quase desconhecidos, o fervor com que se reza pela vacinação como caminho real e solução final para a pandemia, a propaganda esquizóide de ouvir a "ciência" e o governo, por um lado, mas ao mesmo tempo esquecendo imediatamente todos os critérios científicos para a aprovação de uma vacina - mesmo que a substância não seja psicoactiva como a "Soma" de Huxley, a coisa toda vai fortemente na direcção do Admirável Mundo Novo. O facto de todas as doenças terem sido erradicadas por vacinas pré-natais deve parecer quase paradisíaco às massas de hoje, que se sentam mascaradas de medo nos aparelhos de televisão e esperam pela injeção redentora. Quanto ao lema com o qual os críticos relutantes e cépticos hesitantes foram introduzidos no soma - "Uma onça de tentativa é melhor do que um quilo de maldição" - actualmente, ainda se utilizam métodos um pouco mais brutos (polícia, protecção constitucional, tribunais, etc.), mas os primeiros políticos a exigir que os críticos da política pandémica sejam silenciados com "tratamento psiquiátrico" já lá estão certamente. E se aparecesse uma vacina parecida com uma soma, com o efeito de combinar "todos os benefícios do cristianismo e do álcool sem os

seus inconvenientes", os "covidios" - ou seja, todos os "loucos", "nazis", "esotéricos", "anti-semitas", e outros demónios - poderiam ser curados com um caralho. Ou pelo menos imobilizados...

Embora não tenha tido mais de três vacinações nas últimas quatro décadas, não sou anti-vacinação, e seria maravilhoso se o circo pandémico global pudesse acabar rapidamente com uma imunização covida eficaz com poucos efeitos secundários. No entanto, receio que isso não vá funcionar. No Verão perguntei a um virologista experiente quanto tempo demorava a desenvolver uma vacina e ele respondeu "5 a 10 anos, se for realmente rápido 3 a 5 anos" - e agora após 10 meses a grande corrida de vacinação já começou a nível mundial e não é de admirar que algumas pessoas falem sobre "a maior experiência humana de sempre".

Mesmo que esta experiência muito ousada acabe bem no fim, não é tanto um fim como um começo, porque o próximo vírus está destinado a vir... e com ele a próxima "pandemia", que pode ser declarada através de PCR "detecção precoce" mesmo antes de alguém ter adoecido. E a luta contra o inimigo já pode ser retomada, antes de ele ter causado qualquer dano. Até alguém acabar por perceber que a ideia de "guerra aos vírus" é completamente insana (tal como a "guerra ao terror"), porque nunca pode acabar, porque o "objectivo de guerra" - desinfecção total - deixaria um planeta estéril e morto.

Os vírus são essenciais à vida na Terra, e sem a sua acção como unidades flutuantes livres de informação, os mamíferos como os humanos não teriam evoluído de todo. A informação viral incorporada no ADN dos seres vivos tem sido um motor crucial da evolução. Apesar de alguns deles poderem ser patológicos ou mesmo perigosos para os humanos, e ser útil desenvolver medicamentos e vacinas contra eles, não faz sentido travar uma "guerra contra os vírus" em que cada ser humano se torna um potencial "perigo" porque milhões de vírus vivem em cada centímetro quadrado da sua pele.

Num ensaio muito legível sobre o porquê de uma guerra contra os vírus estar fora de questão, publicado na actual edição da revista "Zeitpunkt", a antropóloga Charlotte Brives escreve:

""Vírus" não é tanto um termo para um objecto claramente definido como uma espécie de "estar no mundo". A ciência moderna classificou-os em conjunto com base apenas em alguns comportamentos e traços. Para simplificar, um estudo detalhado do vírus Ébola, HIV e SRA-Cov-2 mostra que eles têm tanto

em comum como um pangolim, um girassol e uma bactéria; todos estes são seres vivos, mas não ocorreria a ninguém considerar a sua interacção com os seres humanos tão semelhante em absoluto" (...)

Se a ideia de ecologia política tem algum significado, trata-se de utilizar a diversidade de outros seres vivos para desenvolver outras ideias de ambientes vivos que há muito têm sido devastados pelo actual sistema económico. Isto exige a utilização de todos os meios necessários para combater os efeitos nocivos da indústria e da lógica financeira insana, e para restaurar um sistema de saúde pública eficiente. O nosso futuro, que necessariamente partilhamos com outros seres (humanos e não-humanos), depende disso. Para o próximo vírus será um vírus diferente. E a nossa resposta ao seu aparecimento deve também ser diferente".

Mas a atitude, as metáforas de guerra e toda a actual política pandémica dos governos dificilmente dão esperança de uma reacção tão alterada, mas sim de um mundo como Huxley o imaginava - e como já brilha transhumanisticamente a partir de cada segunda linha da proposta de "Grande Reposição" iniciada por Klaus Schwab do "Fórum Económico Mundial". A oportunidade agora oferecida pela peste da Corona não será perdida pelos mestres do nosso mundo neo-feudal. O que eles introduzem em termos de vigilância, controlo e medidas disciplinares nunca desaparecerá - mas tudo correrá bem, diz o Fórum Económico Mundial: "Bem-vindo a 2030: Não tenho nada, não tenho privacidade e a vida nunca foi melhor".

Mathias Bröckers escreveu mais recentemente "Klimalügner - Vom Ende des Kaputtalismus und der Zuvielisation" e "Don't Kill the Messenger - Freiheit für Julian Assange" (publicado pela Westend Verlag). Ele blogs em broeckers.com

O livro "Wir sind die Guten", de Mathias Bröckers e Paul Schreyer, é recomendado neste contexto.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar este artigo.

+++

Fonte da imagem: olesea vetrila / portadas

+++

KenFM esforça-se por apresentar um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e os lugares de convidados não precisam de reflectir a opinião do conselho editorial.


+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras formas de nos apoiar aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora pode apoiar-nos com as Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK